

Praça da Liberdade



Foto tirada com um I-phone no dia 1 de janeiro de 2018.

Dia 01 de janeiro de 2018. Pego o carro e atravesso a cidade para poder ler um romance em paz. O Parque Municipal estava fechado. Vou para a Praça da Liberdade. Sento no banco e começo a ler o romance “A praça do Diamante” de Mercè Rodoreba. Atrás de mim, três homens conversam em torno de um carrinho cheio de latas vazias. Do outro lado vejo um grupo de pessoas humildes se divertindo em um laguinho onde imperam duas fontes que lançam suas águas para o alto. Um cachorro preto e branco, de porte médio e bem cuidado, atravessa a alameda e vem em busca de meus carinhos. Eu não nego os afagos, mas o dono vem atrás, pega o cão no colo e diz que ele também vai tomar banho. Em meio minuto, ele está dentro do lago junto com os outros banhistas. Crianças brincam, gritando e dando pulos na água que sobe e cai, competindo com as fontes. Volto ao livro e 15 páginas depois, uma família deposita ao meu lado uma senhora semi-inválida e vai caminhar. A idosa olha fixo para frente e observa o grupo do outro lado da alameda. O cachorro anda de um lado para o outro aflito com o pelo molhado. Um homem finge que briga com o dono do cão só para vê-lo defender o companheiro. Ele late e pula para tentar separá-los e eles riem alto. De repente, os homens sentam-se em um banco e uma conversa de bêbados se mistura aos gritos alegres das crianças. Algumas pessoas passam silenciosas, fazendo sua caminhada, levando bebês para tomar sol ou andando de bicicleta com os filhos. Enquanto os homens discutem, concentro-me na minha leitura e, 30 páginas depois, retorna a família para recolher a velha e uma mulher comenta: “Um absurdo. Até frango e farofa tem lá. Deveriam colocar grades. A praça está muito mal cuidada”. A classe média acha que é dona da Praça da Liberdade, penso eu. Provavelmente, pertencem ao mesmo grupo que ocupou tantas vezes a praça para apoiar o golpe contra a Presidente Dilma e são eleitores de ELE. Querem gradear a liberdade e não se enternecem com a alegria das

crianças. Fecho o livro e resolvo ir embora. Do outro lado, o grupo começa a recolher os objetos e as roupas que secavam sobre alguns arbustos. Um deles abandona o grupo, senta-se ao meu lado e me diz: “eu não sou ladrão, só quero saber as horas. Saí de lá antes que matasse um”. Digo as horas e ele levanta-se e vai se juntar aos catadores de papel atrás de mim. Eu coloco o livro na bolsa e vou embora antes que mais alguém venha tentar dividir comigo o seu ódio à pobreza e eu também tenha vontade de entrar na fonte.